



Boletim da Academia Pernambucana de Medicina

Informativo da Academia Pernambucana de Medicina - Ano II - nº 11 - Julho — Setembro 2012

Origens e desdobramentos da febre amarela em Pernambuco

“*A* Epidemia de Febre Amarela em Pernambuco, no século XVII – O quadro votivo de Igarassu” foi o tema do encontro, realizado na manhã de 27 de junho, na sede da Academia Pernambucana de Medicina. O presidente Geraldo Pereira abriu as discussões com um retrospecto da doença. “A febre amarela é uma zoonose diferente das outras porque os animais que são hospedeiros adoecem. Modernamente, se atribui a origem da moléstia à África, comprovada a partir dos estudos de Biologia Molecular, e teria chegado às Américas com as navegações negreiras. Em Pernambuco, aportou no ano de 1685 e por 10 anos matou mais de duas mil pessoas, numa população ao tempo de 10 mil”.

Lembrou-se das explicações dadas à febre amarela naquele tempo – eclipses do sol, pecados do povo do Recife e Olinda – e citou o nome do médico João Ferreira da Rosa como pioneiro em descrevê-la, dando sua epidemiologia, quadro clínico e medidas da profilaxia. “Mais uma antecipação de Pernambuco. Para Rosa, a moléstia era grave, com cefaleia forte, febre alta, icterícia e falta de urina, o que levava o indivíduo quase sempre à morte”. Ainda segundo Geraldo, as medidas profiláticas



do médico acabaram por terminar a epidemia que, mesmo sem conhecer o agente da doença, recomendava fogueiras com ervas, tiros de artilharia, purificação das casas, limpeza das ruas e das cloacas junto às casas, além de manter longe da população os doentes segregados.

Na sequência, baseando-se na exposição de um quadro de autor desconhecido que se encontra na pinacoteca de Igarassu, Cláudio Pina entrou em cena para esclarecer o motivo do citado município não ter registros da doença. “O fato de não ter a doença é atribuído aos santos Cosme e Damião. Mas foi questão de sorte e não de milagre, tanto que, mais tarde assolou a cólera e o santo não protegeu. Na pintura, é vista a presença da figura da morte em Goiana, Olinda, Recife e Itamaracá, menos em Igarassu. Esse é um dos quadros mais significativos da nossa história. Foi doado em 1729 por um morador do Recife”. Cláudio Pina fez uma digressão histórica e iconográfica das vilas, à época, por meio de vasto material fotográfico e elevado nível de detalhamento, além de reconstituir com dados a ameaça de disseminação da doença. Conclui afirmando que “em Igarassu a peste não chegou por não ter clima propício para propagação”. Detalhes na página 3.



Nesta Edição

- Gentil Porto e os dois lados de Wagner • Ciência e arte na formação de Bezerra Coutinho
- Lançado o Prêmio professor Salomão Kelner • Barreto representa APM em São Luís.

“Onde minha loucura encontrou a paz”

A frase, na lápide do túmulo de Richard Wagner traduz a inquietação daquele gênio da música. Sob o título de Wagner – O outro lado, o acadêmico Gentil Porto discorreu sobre a vida e a obra desse renomado compositor em palestra proferida em 29 de agosto, na Academia Pernambucana de Medicina. O acadêmico iniciou sua fala com uma digressão pelo “território dos



sonhos” viagem pela infância nos trens da Great Western para Caruaru, onde morava e aprendeu piano com Terezinha Barbalho, irmã do consagrado escritor Nelson Barbalho.

Quanto ao tema da palestra, afirmou que, dono de um temperamento vulcânico Richard Wagner deixou uma obra que continua estudada e questionada e sobre a qual não existe um meio termo em sua análise que não seja: Wagner não tem explicação. Nascido em 1813, em Leipzig, hoje Alemanha, vivenciou a perda do pai e em seguida aos oito anos, a morte do padrasto.

Aluno medíocre mostrava, no entanto, pendores ao teatro, aptidão reforçada pela leitura dos clássicos gregos e Shakespeare, bem como entusiasmo por Beethoven, Weber e Mozart que iriam influenciar a sua música. De adolescente indisciplinado, a aluno relapso, aos 17 anos, inscrito na Universidade de Leipzig, gasta o que não tem em jogo, tabernas e bordéis. Feio, baixo e dono de uma cabeça grande, desproporcional, creditava a capacidade de atrair muitas mulheres aos olhos azuis e à personalidade fascinante.

Aos 20 anos torna-se maestro do coro do teatro de Wurzburg (Baviera). Depois, em Magdeburg, casa-se com a atriz Christine Planer (Minna), mantendo um relacionamento de brigas, idas e vindas, dadas às aventuras amorosas. Ela, muito dedicada, o ajudou na vida de miséria resultante das dívidas e brigas do marido. Foi como mestre-capela de Riga, que rabiscou Rienzi, a primeira ópera. Logo depois, movido pela ambição, Paris entrou nos seus planos.

Na viagem, submetido às intempéries, o navio esteve a ponto de soçobrar. A quase tragédia lhe inspirou a compor Navio fantasma. Em Paris, não teve o esperado sucesso, os franceses preferiam Meyerbeer, músico que a princípio lhe acolheu, mas depois o dispensou ao perceber o perigo que Wagner representava para ele. Foi ali que Wagner criou o “leitmotiv”

a música associada à personagem, ideias e sentimentos, que junto ao teatro seria o instrumento de redenção do homem, razão de acirrada desavença com o filósofo Nietzsche.

Atormentado por dívidas retorna à Saxônia. Em Dresden, assiste o sucesso de Rienzi, recebe apoio de Liszt e Shumann, mas envolvido em brigas políticas chega a lutar em barricadas na malograda re-

volução de 1848, quando é exilado por 13 anos até a fuga. Em Zurich, conquista Mathilde, mulher de um comerciante rico que o sustentou por bom tempo. Wagner seduzia às casadas e os maridos tornavam-se seus amigos.

Incentivado por Liszt, retorna a Paris. Mesmo com apoio de Napoleão III, não conheceu o sucesso. Assiste a sua ópera Tannhauser ser vaiada, após conspiração do mesmo Meyerbeer. Desencantado, inicia turnês por vários países. Volta à Alemanha, enfrenta privações e pensa em suicídio, quando seu admirador, Ludwig II, rei da Baviera, resolve patrocinar as atividades musicais de Wagner com altas somas, que lhe permitiram morar num palacete em Munique.

E é aí que ele mantém um caso amoroso com Cosima, filha de Liszt, casada com Von Büllow, admirador de sua obra. O amor produz efeitos na música e em Wagner, que se tornou um homem sereno depois que passou a conviver com ela. Mais adiante, pressionado pelos súditos, Ludwig II exila o compositor na Suíça, mas com os mesmos direitos. Wagner foi pai aos 56 anos. Após o sucesso de ver a apresentação de suas músicas pelos Mestres Cantores de Nuremberg, regidos pelo ex-marido de Cosima.

De volta à Baviera, alimenta o sonho de construir um grande teatro para executar as suas obras, contudo mesmo com apoio real, teve que buscar recursos em diversos concertos. Finalmente, em 1876, vê inaugurado o Teatro dos Festivais de Bayreuth, evento que reúne músicos e nobres de várias partes do mundo, inclusive Pedro II imperador do Brasil.

Mesmo com estado de saúde ameaçado, funda o jornal a Bayreuth Blätter e conclui Parsifal – Encontro de Wagner com Deus e o Amor, sua última obra. A partir de então, passa a residir em Veneza, de onde só sairia de gôndola, em 1883, para o trem fúnebre que o levou de volta à Alemanha.

“Gentil, você se superou tratando o tema de forma poética desde a introdução. Este é um texto para ser

lido e relido”, afirmou Geraldo Pereira. José Nivaldo classificou a palestra de clássica, profunda e nobre. Edmundo Ferraz lembrou que a posição antissemita de Wagner é uma revelação em parte falsa e em parte verdadeira, “ele possuía amigos judeus”.

“O que ouvi foi magnífico”, ressaltou a presidente da Academia Pernambucana de Música Leny Amorim, Salustiano Gomes (foto) destacou o “Gentil poeta” e enfatizou que Wagner foi um paradoxo, mas suas virtudes foram bem expressas por Gentil, citou o canto A cavalgada das Valquírias e outras sinfonias. Fernando Pinto Pessoa opinou “Wagner tem dois lados, o cantado, que não admiro dada a rudeza da língua alemã e o maravilhoso instrumental”. Pedro Fernandes Neto elogiou a metáfora do palestrante, quando citou o balanço do trem, como se fora uma ópera sobre os trilhos, Gilda Kelner se disse maravilhada e lembrou que seu pai, foi um judeu que, não



obstante a fama de nazista do compositor, apreciava o músico Wagner, Antonio Aguiar revelou sua preferência por outros compositores, “acho Wagner dissonante, foi um maníaco deprimido”.

Febre amarela em Pernambuco

(Continuação)

A mediação do debate coube à Gentil Porto. “Foram brilhantes os depoimentos feitos pelos dois monarcas da historiografia da saúde no Estado”, disse. Salustiano Gomes acrescentou informações sobre a doença. “Tenho conhecimento que a moléstia foi proveniente de embarcações vindas das Antilhas e que também se estendeu para algumas cidades do Interior. Em relação à pintura, podemos presumir que é de autoria de uma pessoa jovem e de memória extraordinária e orientação espacial fantástica. A predominância do pigmento avermelhado faz referência ao pau-brasil. Parabéns aos dois pela descrição”.

Antônio Aguiar (foto) disse ter sido uma aula de



cultura e cidadania, que se expressa pelo mergulho do homem no seu passado. José Nivaldo foi mais enfático. “Quando chego aqui, fico radiante com as apresentações”.

Com a palavra, Cláudio Pina acrescenta: “Cada vez que a gente olha para o quadro percebe algo novo, e para estudá-lo, tive que mergulhar nos livros e me chamou a atenção a superstição. O que se discute muito é que

essa doença foi um castigo contra os brancos, pois quando eles chegaram, trouxeram inúmeras doenças. A grande maioria dos negros não foi acometida, e diz-se que isso é uma vingança, afirma-se que eles tinham imunidade”, finalizou.

Expediente

Boletim da Academia Pernambucana de Medicina. Publicação trimestral com tiragem de 500 exemplares. Memorial da Medicina de Pernambuco, Rua Amaury de Medeiros, nº 206, Derby – Recife. Telefone: 3231.6801. www.acadpemedicina.com.br | Presidente: Geraldo Pereira. Vice-presidente: Edmundo Ferraz. Secretário geral: José Falcão, 1º Secretário: Gentil Porto, Tesoureiro: Gustavo Trindade Henriques, Presidente do Conselho Fiscal: Rostand Paraíso. | Produção: P&B Design e Texto. Diagramação: Bel Caldas. Pauta e Fotos: Paulo Caldas. Coordenação editorial: Edições Bagaço LTDA. Rua dos Arcos, 150. Poço da Panela – Casa Forte – Recife. Telefone: 3205.0132.

Sobram motivos para você se tornar cooperado Unicred Recife.



Aproveite as sobras da Unicred Recife. Aqui, os resultados gerados por suas movimentações retornam para você em forma de sobras. Um benefício que só as cooperativas de crédito oferecem. E mais: nossos cooperados contam ainda com as melhores taxas de financiamento e empréstimo. Entre em contato com a gente e conheça essas e outras vantagens.

Ciência e arte na formação de Bezerra Coutinho

“Cientista de perfil polivalente, ligado à busca constante do saber com o espírito crítico e a lógica”, o professor Aluizio Bezerra Coutinho foi assim apresentado pela médica escritora Selma Vasconcelos, em palestra intitulada O cientista, o arquiteto e o poeta, realizada em 25 de julho. A sessão foi aberta pelo presidente Geraldo Pereira que ressaltou as virtudes de Bezerra Coutinho, sobretudo o seu vasto domínio em diversas áreas do conhecimento.

Selma acrescentou à definição do homenageado, a prática integrativa entre Filosofia, Ciência e Arte, considerando a Cibernética, Biologia e Ética, docência interdisciplinar e ideias que ultrapassam fronteiras. Relevou o apego à investigação e à teoria do conhecimento, “ele era um defensor da medicina social que incentivava os alunos à reflexão e à investigação”.

A palestrante, em seguida, enumerou as publicações mais conhecidas do professor desde a coletânea Barros Lima até Natureza da vida, passando por Filosofia das ciências naturais, O estudo de nódulos de Gandy e Gamna, (sua tese para cátedra em Patologia Geral), Brilharziose mansônica, além de vários trabalhos sobre genética.

Na passagem de Bezerra pelo Rio de Janeiro, para concluir o curso médico, pertenceu ao Chaplin Club, para amantes de cinema, em 1929, quando fez parte da diretoria, criou e publicou artigos no jornal do clube, época em que conheceu o arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Ela lembrou que, essa convivência inspirou Bezerra Coutinho à composição de sua tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro sob o título O problema da habitação higiênica nos países quentes e, face da arquitetura viva. “Bezerra incorporou os princípios de Le Corbusier destacando benefícios da Arquite-



tura ajustados à desigualdade econômica e à necessidade do trabalhador possuir habitação confortável”.

A presença de Le Corbusier influenciou as artes. Foi em sua homenagem que João Cabral de Melo Neto, um dos poetas mais estudados da língua portuguesa, compôs o poema Fábula do arquiteto, que destaca suas ideias inovadoras sobre a concepção habitacional.

Sobre o arquiteto, contou que naquela época ele criticava a arquitetura que, presa às escolas de belas artes, não acompanhava a engenharia, e definiu uma casa como uma máquina de morar, que devia ser projetada à necessidade de quem habita. “Em 1928 já projetava casas com rampa invés de escada, creditava o seu conhecimento à busca do belo e da harmonia em viagens pelo mundo”. Le Corbusier faleceu em 1965.

Comentários e opiniões - Geraldo Pereira lembrou que, “naquela época nós, seus alunos, não tínhamos maturidade para assimilar os conhecimentos dele”.

Gilda Kelner - “Convivi com o professor na minha casa, dada amizade dele com meu pai e na faculdade, quando fui sua aluna. Defendia interdisciplinaridade e despertou isso nos alunos. Era uma ‘enciclopédia’, solidário, gentil e acolhedor, dono de fina ironia”.

Luiz Maurício citou o enorme conhecimento e a disposição de Bezerra de passá-lo para os alunos na UFPE. “Eu ficava feliz quando conversava com ele, era o Google da época”, brincou.

Salustiano Gomes disse que o conheceu quando aluno. Lembrou fatos que marcaram a vida de Bezerra como amigo, disse que havia coisas que o aproximava de Corbusier e outras que os separavam “como as questões políticas, por exemplo”. Lembrou que Bezerra era orquidófilo e que na grande cheia do Recife, arriscou a vida para salvar as orquídeas.

Aurélio Molina disse que a primeira vez que ouviu falar do homenageado foi no Rio de Janeiro, “quando soube quem fora o maior nome da Medicina em Pernambuco”.

Ester Azoubel lembrou a preocupação dele “com o uso da decoreba ante o raciocínio”.

Barreto representa APM no conclave da FBAM

O acadêmico Luiz Gonzaga Barreto (o primeiro sentado, da direita para esquerda na foto) representou a APM no XIV Conclave da Federação Brasileira de Academias de Medicina (FBAM), realizado na cidade de São Luís, no período de 5 a 7 de julho de 2012. O evento também fez parte das comemorações dos 400 anos de fundação da capital maranhense.

Segundo Barreto, durante a realização do encontro, a cidade de João Pessoa foi escolhida como sede do próximo Conclave, por sugestão do presidente da Academia Paraibana de Medicina, acadêmico Antonio Carneiro Arnaud, o que foi aprovado por aclamação.

O presidente da FBAM, acadêmico José Leite Sarai-



va, informou que vários membros das academias, haviam concluído mandato deixando vagos cargos que ocupavam na Federação. Desse modo, depois de várias discussões, foi autorizado o preenchimento dos cargos vagos, restabelecendo a funcionalidade da gestão da entidade.

“Participamos de uma ampla programação científica que constou de conferências, simpósios,

do lançamento do I Volume dos Anais da FBAM e do livro Na direção da saúde, do professor José Márcio Soares Leite, presidente da Academia Maranhense de Medicina e secretário adjunto da Saúde do Estado do Maranhão”, finalizou Barreto.

Medicina Perde Neise

A Academia Pernambucana de Medicina registrou voto de pesar, na sessão de 25 de julho, pelo falecimento da médica pediatra Neise Maria Monteiro Gondim de Souza, membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames-PE) e esposa do médico-escritor acadêmico José Nivaldo.

Salomão kelner premia alunos de Medicina

De 2 a 31 de outubro é o prazo para recebimento dos trabalhos dos candidatos que vão concorrer à versão 2012 do Prêmio Salomão Kelner de História da Medicina, no valor de R\$ 2 mil. Regulamento e mais detalhes no www.acadpemedicina.com.br.

O concurso é uma iniciativa da APM que premia trabalho literário elaborado por estudantes do curso médico, que enfoque os grandes vultos da Medicina em Pernambuco.

A versão 2011 foi vencida por um grupo de quatro alunas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE), que escreveram “Um comentário acerca dos primeiros anais da Sociedade Pernambucana de Medicina”.

Lançada a nominata da Academia

Encontra-se à disposição dos interessados (memorialistas, pesquisadores e acadêmicos), a Nominata da Academia Pernambucana de Medicina. “Do documento, em formato pocket book, com 50 páginas, consta informações alusivas aos membros da instituição”, explica o organizador da publicação acadêmico Luiz Gonzaga Barreto.

Anais em Edição – Outra publicação de inestimável valia está sendo preparada pela APM. Trata-se da edição dos anais da instituição, versão 2011/2012, livro que trará pronunciamentos dos acadêmicos que ingressaram nesse período e a publicação das palestras culturais e científicas proferidas nas reuniões da academia, bem como o tema vencedor do Prêmio Professor Salomão Kelner.

